

RECENSÕES

IGGY ROCA — *Generative Phonology*, col. "Linguistic Theory Guides", Londres/Nova Iorque, Routledge, 1994, xx + 307 pp.

1. Este livro pretende ser uma introdução às correntes modernas da fonologia — mais propriamente, à fonologia de inspiração generativista posterior a *The Sound Pattern of English (SPE)* de Noam Chomsky e Morris Halle¹ —, conforme a própria intenção explícita do autor (p. xv).

Os destinatários que o autor teve em mente durante a elaboração da obra foram os especialistas em sintaxe (p. xv) — logo, leitores com sólidas bases de linguística geral e com uma preparação profunda na sua área específica, mas sem um conhecimento desenvolvido e actualizado dos tópicos de discussão mais recentes em fonologia. Em face destes objectivos, portanto, a obra em causa não se destina a leitores leigos *tout court* na matéria que versa, mas a um grupo determinado de *leigos especiais* para quem a matéria tratada não será, apesar de tudo, totalmente estranha.

Este objectivo de colocar linguistas de certas áreas ao corrente dos desenvolvimentos mais recentes em disciplinas "estranhas" ao domínio de especialização de cada um é, aliás, o objectivo central da colecção em que se insere esta obra — a "Linguistic Theory Guides" —, conforme é dito no prefácio da colecção pelo seu director, Richard Hudson (p. xiii).

Desta forma, pretende-se ainda suscitar novos contributos advenientes do olhar, necessariamente diferente, de certos linguistas sobre questões e matérias acerca das quais reflectem menos frequentemente: o próprio autor de *Generative Phonology*, Iggy Roca, actualmente professor de Fonologia na Universidade de Essex, escreveu e organizou anteriormente diversas obras sobre outras áreas da linguística.

Assim, no livro em questão, coexistem preocupações abrangentes e especializantes: *abrangentes* na multiplicidade de pressupostos teóricos suscitados e *especializantes* na profundidade com que áreas "duras" da fonologia são criteriosamente revistas e percorridas.

2. Um aspecto importante da obra é a assunção do *SPE* como a grande referência teórica inspiradora de uma série de abordagens que, embora aparentemente divergentes, são concebidas e apresentadas de forma unificada sob o rótulo de "*fonologia generativa*" (FG)²: embora não original, esta assunção confere maior solidez à ideia de que a obra de Chomsky

¹ CHOMSKY, Noam, HALLE, Morris — *The Sound Pattern of English*, New York, Harper and Row, 1968.

² "(...) generative phonologists are brought together by a shared set of problems and questions. (...) One positive result of the present study has been the realisation that there is no disagreement of principle among those who, one way or another, call themselves 'generative phonologists.'" (p. xv).

"(...) Chomsky and Halle's monumental *The Sound Pattern of English (SPE)* has provided an enduring foundation stone for the discipline (...)" (p. xv).

"In particular, I have not found any strong evidence for the existence of different 'schools' (...)" (p. xvi)

e Halle representa, realmente, um marco histórico que, independentemente das críticas e revisões a que tenha sido sujeita, constitui uma referência inevitável para todos quantos, após a sua publicação, se dedicaram aos estudos fonológicos.

De acordo com as palavras de Roca³, é na filiação teórica dos autores das várias “correntes” pós-*SPE* (como a fonologia autosegmental, a fonologia métrica e a fonologia lexical) na obra de Chomsky e Halle que se encontra o factor unificador de todos eles e é tal filiação que permite agrupá-los sob a designação comum de “fonólogos generativistas”.

Este aspecto exclui do âmbito do estudo em análise os seguidores da fonologia estruturalista, de que a obra não contempla, em nenhum ponto, uma síntese, ainda que crítica. Assim, as referências à obra de Trubetzkoy — que, para esse “outro lado” ignorado da fonologia, é tão importante e fundamental como o *SPE* para os generativistas — são, neste livro, fugazes, raras e laterais, mesmo, por exemplo, quando Roca se lhe refere para reconhecer a Trubetzkoy um inegável papel precursor na génese e na teorização do conceito de “traço distintivo”, tão importante para a FG.

Mesmo tratando-se de uma introdução à fonologia *generativa*, a ausência de uma contextualização histórica que sublinhasse e *criticasse* os pontos fundamentais da fonologia estruturalista — levando dessa forma o leitor a aperceber-se mais claramente da génese e das motivações do aparecimento da FG — empobrece de alguma forma esta obra. Esta atitude exclusivista, aliás, contrasta com a de outras introduções à fonologia⁴ e contradiz um objectivo inicial do próprio autor, expresso no prefácio (p. xvi), quando é citada uma passagem de John Goldsmith (o principal teorizador da fonologia autosegmental)⁵ em que se defende que, em vez de optar por **uma** teoria, o linguista deve, das diversas teorias disponíveis, escolher e combinar os aspectos que ofereçam as melhores respostas para os diversos problemas em estudo⁶.

3. Como dissemos, o autor inclui nesta sua introdução à fonologia generativa todas as correntes que, de uma forma ou de outra, se revêem nos princípios fundamentais do modelo da FG proposto pelo *SPE*.

O termo “fonologia generativa”, nesta obra, ocorre assim com um sentido lato que inclui não só a “FG *standard*” decalcada restritivamente do *SPE*, mas que engloba também os desenvolvimentos posteriores de correntes que, não negando os princípios basilares de Chomsky e Halle, abrem novos caminhos na exploração fonológica das línguas⁷.

³ Vd. nota 2.

⁴ Cf., p. ex., LASS, Roger — *Phonology — An introduction to basic concepts*, Cambridge, Cambridge University Press, 1984, que tem, à partida, objectivos mais generosos do que os de Roca, propondo-se ser uma introdução geral a todas as correntes da fonologia, e DURAND, Jacques — *Generative and Non-linear Phonology*, London/New York, Longman, 1990, que, embora sendo uma introdução à FG (tal como o livro de Roca), contém um capítulo inicial reservado à apresentação crítica da fonologia estruturalista.

⁵ “(...) the task of the linguist is not to choose among theories so much as it is to select and then integrate the best of all currently available framework into a new, more satisfactory model” (GOLDSMITH, John — *Vowel Harmony in Khalkha Mongolian, Yaka, Finnish and Hungarian*, in “Phonology Yearbook”, 2, 1985, p. 254, cit. por Roca, p. xvi).

⁶ Neste contexto, recordamos as palavras do biólogo e epistemólogo Francisco Varela: “(...) qualquer ciência que descure o seu passado arrisca-se a repetir os seus próprios erros — e fica sem perspectivas em relação ao seu desenvolvimento.” (VARELA, Francisco — *Conhecer — As ciências cognitivas, Tendências e Perspectivas*, trad. port., Lisboa, Instituto Piaget, s/d, p. 23).

⁷ Vd. nota 2. Como exemplo de uma obra de introdução à FG que, de forma mais restritiva, engloba sob tal etiqueta unicamente os modelos propostos pelo modelo “clássico” do *SPE*, é possível citar DELL, François — *Les règles et les sons — Introduction à la phonologie générative*, Paris, Hermann, 2.^a ed. rev. e aum., 1985 [reimp. 1992].

Apesar desta aceitação dos princípios fundamentais do *SPE*, alguns aspectos da teorização de Chomsky e Halle não deixam de ser criticados nesta obra. No mesmo capítulo — o primeiro — que dedica à síntese dos aspectos fundamentais do *SPE*, o autor refere as críticas que os autores das correntes pós-*SPE* — a fonologia autosegmental, a fonologia lexical e a fonologia métrica — dirigiram à obra de Chomsky e Halle. De todas essas críticas avulta a recusa do *segmentalismo* patente no *SPE*, que Roca percorre nas pp. 3 e ss. do seu livro: embora confira à noção de “traço distintivo” o estatuto de verdadeira *unidade fonológica*, concebendo os segmentos como combinações de superfície dessas unidades, o *SPE* não desiste de procurar ao nível de tais segmentos todos os factos fonologicamente relevantes, fazendo do modelo que propõe um modelo *unilinear* (p. 3).

O que as correntes posteriores vêm demonstrar é que existem factos fonologicamente pertinentes — o acento, o tom, a duração, entre outros (pp. 3 e ss.) — que não podem ser explicados em função unicamente do nível dos segmentos; eles pertencem a níveis *sobrepostos* (pp. 40 e 41), o que faz com que se fale de tais abordagens em termos de *fonologia não-linear*⁸. O autor propõe que se fale, de preferência, em *fonologia multilinear* (p. 262, nota 2).

4. No intuito de introduzir todas as abordagens *multilineares* da fonologia, a obra de Roca vem completar uma bibliografia já razoavelmente extensa. Além dos textos fundadores das diversas correntes — que o autor inclui na bibliografia final do livro⁹ —, encontravam-se já disponíveis quer introduções a correntes específicas¹⁰, quer introduções genéricas a várias correntes¹¹.

A estrutura da obra reflecte, da parte do seu autor, a já referida preocupação de abrangência e de profundidade: depois dos dois prefácios — um do director da colecção, repetido em todas as obras da mesma, e outro de Iggy Roca — e de uma lista de abreviaturas (muito útil, pois, como em todas as obras de inspiração generativista, elas abundam ao longo de todo o texto), a obra propriamente dita divide-se em cinco capítulos principais, cada um dos quais dedicado a uma das correntes abordadas ou a um tema muito específico.

No primeiro capítulo (“Phonological representations”), são sintetizadas as principais propostas do *SPE*, juntamente com as críticas mais importantes de que foram alvo por parte das correntes que lhe sucederam; no segundo (“Lexical redundancies”), são apresentados os pontos principais da fonologia lexical; o terceiro (“Basic elements”) expõe a questão dos traços distintivos e das relações de hierarquia e dependência entre traços; o quarto (“The sonority fabric”) sintetiza as questões relacionadas com as estruturas silábicas e a fonologia métrica; e, finalmente, o quinto capítulo (“Domains and modes of application”) introduz questões relacionadas com a prosódia.

O volume fecha com as notas de todos os capítulos (a comodidade de leitura lucraria se estas notas aparecessem no pé de cada página ou, pelo menos, reunidas no final de cada

⁸ Cf., p. ex., DURAND — *Op. cit.*

⁹ Recorde-se que alguns desses textos estão parcialmente traduzidos para o português em MATEUS, Maria Helena Mira; VILLALVA, Alina (orgs.) — *Novas perspectivas em Fonologia*, Lisboa, Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, 1985, com um prefácio de Maria Helena Mateus.

¹⁰ Cf., p. ex.: MOHANAN, K. P. — *The Theory of Lexical Phonology*, Dordrecht, Reidel, 1986, para a apresentação da fonologia lexical; GOLDSMITH, John A. — *Autosegmental and Metrical Phonology*, Oxford, Basil Blackwell, 1990, para uma introdução à fonologia autosegmental e à fonologia métrica.

¹¹ Cf., p. ex., DURAND — *Op. cit.*, ou KATAMBA, Francis — *An Introduction to Phonology*, London/New York, Longman, 1989.

capítulo), uma extensa lista bibliográfica (um óptimo elemento de trabalho para quem queira prosseguir uma investigação nesta área com base em referências bibliográficas abundantes, seguras e recentes) e três índices — de autores, de assuntos e de línguas citadas. Estes índices revelam-se também bons instrumentos de trabalho, facilitando o acesso directo e rápido a partes específicas do corpo de texto.

O índice de línguas citadas — que fornece ainda indicações sobre a genealogia e a geografia das mesmas — confirma que o português não é referido uma única vez ao longo de toda a obra, apesar de alguns aspectos da fonologia da língua (como o acento, as estruturas silábicas, os ditongos, etc.) se prestarem e terem sido já objecto de estudos fonológicos no quadro teórico das abordagens multilíneas (ou não-lineares) ¹².

5. Na apreciação final desta obra, diremos que ela se revela uma boa fonte de saber para quem queira iniciar-se ou aprofundar os seus conhecimentos na matéria em estudo — as correntes da FG pós-SPE. A organização do volume em capítulos vincadamente repartidos por assuntos, domínios e correntes ajudará o leitor a organizar os dados que for adquirindo e contribui para um aprofundamento considerável das questões tratadas; a deliberada opção teórica pelo modelo generativista, com a exclusão da referência a qualquer outro quadro teórico alternativo, se bem que algo limitadora nos termos anteriormente referidos, terá, de certa maneira, a vantagem de situar o leitor num quadro teórico bem definido; a bibliografia e os índices, conforme já referido, constituem bons elementos de trabalho para um desenvolvimento dos assuntos apresentados.

A esta obra, porém, faltaria talvez um capítulo de síntese final onde as diversas perspectivas apresentadas ao longo do texto fossem sujeitas a uma abordagem contrastiva sintetizadora.

Se esta obra não consegue ser uma introdução *directa* às correntes da fonologia que se propõe apresentar — isto é, uma introdução que possa ser lida e assimilada por um leitor qualquer, mesmo com alguma formação em linguística —, isso deve-se acima de tudo à deliberada opção inicial de servir de introdução à fonologia *generativa*, escrita para sintacticistas (p. xv) — acrescentaríamos que escrita para sintacticistas *generativistas* — que dominem previamente não só os pressupostos gerais da gramática generativa mas também o rigor formalista presente nos escritos generativistas.

Este livro de Roca presta-se, como tal, a ser um óptimo complemento de outras leituras, quer no âmbito geral da linguística, da fonologia e da gramática generativa, quer no âmbito mais específico do estudo da fonologia multilinear ou não-linear, a par de obras — como a de Durand ¹³ — talvez mais abordáveis num primeiro momento graças a uma exposição mais gradual dos diversos conceitos e a uma contextualização histórica mais clara das diversas questões em confronto.

João Veloso

¹² Cf., p. ex., os estudos reunidos em *Actas do Workshop sobre Fonologia/Proceedings of the Workshop on Phonology (Coimbra, 27-28 Setembro 1993)*, Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 1994.

¹³ DURAND — *Op. cit.*

HISTORIOGRAFIA GRAMATICAL (1500-1920). LÍNGUA PORTUGUESA – AUTORES PORTUGUESES. Compilação e organização de Simão Cardoso, «Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas», Anexo VII, Faculdade de Letras do Porto, Porto, 1994, 324 S.

Die Arbeit ist ein Teil einer umfangreichen Habilitationsschrift an der Universität Porto. Ausgangspunkt war die durch Verfasser festgestellte spärliche Bibliographie zur portugiesischen Linguistik. Er stützt sich auf veröffentlichte Kataloge, von denen der Katalog der Drucke des 16. Jahrhunderts der Nationalbibliothek Lissabon der jüngste ist (1990); der nächste datiert bereits von 1970 (Reservados da Biblioteca Geral von Coimbra).

Im übrigen sind nur portugiesische Bibliotheken — und die Nationalbibliothek von Rio de Janeiro — benutzt worden, allen voran die Lissaboner Nationalbibliothek, die der Ajuda, die Universitätsbibliothek von Coimbra.

Im Umfang des Bandes bezieht sich die Hälfte der untersuchten Sprachen auf das Portugiesische, es folgen das Lateinische, Spanische, Französische, Italienische; auch brasilianische und afrikanische sind zu nennen, wobei uns an die linguistische Aktivität der Jesuiten erinnern.

Es folgt ein chronologischer Index, der ein schnelles Suchen ermöglicht und die wachsende Dichte von Werken im 18. und 19. Jahrhundert anschaulich belegt.

Man kann dem Vorwort — von Jorge Morais Barbosa, Coimbra — zustimmen, daß «eventuelle Lücken dieser Bibliographie nicht Wert und Nützlichkeit» schmälern.

Zu Pêro Magalhães de Gândavos Regras que ensinam a maneira de escrever..., Lisboa 1574, muß die fehlende deutsche Edition in Portugiesische Forschungen der Görres-Gesellschaft, Band 9 1969, 110 bis 135, die mit Sicherheit in der BN Lissabon vorhanden ist, ergänzt werden.

Düsseldorf

Rolf Nagel